



AS MÚLTIPLAS FACES DA POESIA DE ANTERO DE QUENTAL

THE MULTIPLES FACES OF ANTERO DE QUENTAL'S POETRY

Prof. Dr. José Osmar de Meloⁱ

RESUMO – Este ensaio tem por objetivo mostrar a influência de importantes filósofos do século XIX no processo de evolução da poesia de Antero de Quental, cujo pensamento evolui de uma poesia ingênua e romântica, passa por uma fase de poesia revolucionária e engajada e desemboca, finalmente, numa poesia de cunho profundamente pessimista.

PALAVRAS-CHAVE: Antero de Quental, Odes Modernas, Sonetos, razão, pessimismo.

ABSTRACT: This essay intends to show the influence of important 19th century philosophers in the process of the evolution of Antero de Quental's poetry, whose thinking evolves from naive and romantic poetry, goes through a phase of revolutionary and committed poetry and ends, finally, as poetry deeply pessimistic.

KEYWORDS: Antero de Quental, Modern Odes, Sonnets, reason, pessimism.



Pode-se dizer que a obra de Antero de Quental, no contexto português do século XIX, é *sui generis*, quando posta ao lado do que se produziu em seu tempo. Aliás, o século XIX nasceu sob o signo da contenda das concepções que estruturaram a vida coletiva e a atividade dos indivíduos e cresceu sob a influência do convencimento de que é próprio e digno do homem lutar por ideais e por imperativos da consciência moral e jurídica. Antero é oriundo desse contexto outro que emerge em Portugal e, dos da sua geração, é quem vai instaurar, naquele país, que permanecia atado a amarras ultrapassadas, um agressivo dissídio mental, opondo-se, de maneira radical, à geração romântica.

Esse poeta, líder do movimento realista em Portugal, leva esse dissídio mental a fronteiras ignoradas, vivendo-o com plenitude e pensando-o com densidade metafísica, sem ligação com o passado e olhos postos no devir-ser, provocando, assim, uma revolucionária mutação da sensibilidade nas letras portuguesas.

Em Antero, a tensão espiritual não se dirigiu ao histórico nem ao transiente. A sua consciência moral não tolerou as transações acomodáticas, e a sua arte só, episodicamente, refletiu as cintilações efêmeras da sensibilidade, porque desejou prolongar na duração uma posição ética e conceitual que abraçasse a sensação poética e o universalismo da verdade. Antero não se prendeu a escolas nem se confinou em temas de âmbito murado. Não se extasiou

perante a natureza nem se deteve apenas nas vivências puramente subjetivas.

A filosofia da vida humana foi o seu alvo; o universalismo, a lei do seu pensamento. Por isso, a sua poesia, especialmente os **Sonetos**, exprime o drama de uma consciência refletida que busca ardentemente o sentido último da existência, já que ultrapassou a vivência psicológica para se elevar a uma concepção universal da desvalia da própria existência.

Embora possa não parecer verdade, mas aquele poeta das **Odes Modernas** é o mesmo poeta dos **Sonetos**, porque o que caracteriza a ambos é a postura filosófica e as convicções filosóficas. Por isso, o foco deste artigo será o Antero das **Odes Modernas** e dos **Sonetos**, que rompe, como veremos, com o poeta de **Tesouro Poético da Infância, Primaveras Românticas e Raios de Extinta Luz**, fase esta considerada indecisa, de ingênuo lirismo sem ideias nem tonicidade, que se dissipa, pois, a partir de 1862-1863, com a luz quente de novos temas e de novas ideias, que, subindo em altitude, irão resultar, em 1865, nas **Odes Modernas**.

Aliás, esse Antero novo que emerge nas **Odes**, numa confiança que fez a Wilhelm Stork, já se revela espiritualmente outro quando diz que:

o fato importante da sua vida durante aqueles anos (1856 a 1864), e provavelmente o mais decisivo dela foi a espécie de revolução intelectual e moral que nele se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu

plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se às encontradas correntes do espírito moderno. Varrido num instante toda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungente quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quase todos da minha geração, o primeiro em Portugal que saiu decididamente e concretamente da velha estrada da tradição. (QUENTAL, 1974, p. 131)

Antero, ao se referir às correntes do espírito moderno e à sua revolução intelectual e moral, diz do contexto que ele e os moços de Coimbra tiveram com a cultura da cidade-luz. Por esse tempo, Portugal assistiu a todas as ocorrências político-sociais, científicas e artísticas desenroladas no palco europeu do século XIX. E o fato de Coimbra ter sido ligada a Paris por uma estrada de ferro (1860) facilitou que o burgo universitário fosse inundado com os livros de Michelet, Proudhon, Flaubert, Victor Hugo, Renan, Edgard Quinet, Leconte de Lisle, Taine, Littré, e com as traduções de Heine, Feuerbach, Goethe, Buchner, Hegel etc., escritores e filósofos que abriram para a geração de Antero de Quental um novo e imenso horizonte. Era um mundo novo que surgia diante desses jovens que tiveram, como raras gerações, as pupilas abertas e os olhos atentos.

Este mundo novo tinha uma fisionomia de traços nítidos, de modelação vincada, e a sua vida interior era exuberante de virtualidades indefinidas. Estar, devir, emergir e advir eram os seus tempos e coordenadas fundamentais, em contraste

com as do mundo tradicional do ser e do permanecer, ou seja, o mundo português do ultrarromantismo e da filosofia da ordem, dominado pela categoria do ser, do estável, do absoluto.

Em oposição a essa visão de um mundo consolidado, o mundo novo aparecia dominado pelo devir, pela mobilidade, pelo relativo, numa palavra, pela ideia de evolução. É sob o ângulo da mutação e da alteridade que se veem as coisas e as sociedades, que se observam os homens e se examinam os produtos de sua fantasia e da sua razão. A marcha da verdade deixa de ser vista em sentido retilíneo para ser olhada ao longo da linha sinuosa e cambiante das vicissitudes do seu inevitável triunfo final.

O homem decai de rei da criação, um mito, para simples parte de um todo, e a Natureza e a História são submetidas a uma única universal necessidade. Deus é destituído de transcendência, e uma única crença persiste: a religião da ciência e a fé no progresso indefinido do espírito humano.

Antero, antes de dar à luz as **Odes Modernas**, já trazia o germe do homem novo, cuja evolução espiritual se consolidaria na maturidade. Aliás, já em 1862-1863, poder-se-ia dizer que espiritualmente era outro. Sua vida havia alcançado a densidade moral e a dimensão ideológica das **Odes** e dos **Sonetos**; nessa fase já se nutria principalmente das negações, da iconoclastia, da ruptura com os antigos valores da tradição católica. O poema “Fiat lux”, fantasia cosmogônica, do livro **Raios de extinta luz**, já revela essa faceta iconoclasta de Antero, pois nele o poeta ri da criação com ironia pesada e fácil, conforme se pode observar nos versos a seguir:

Tinham os astros já mil anos, — tinham
Talvez cem mil— ou tinham um minuto
—

(Pois quem sabe contar horas ou séculos
No relógio — que tem o firmamento
Por quadrante, — e algarismos, sóis e
estrelas?)

Estavam há muito ali.
O velho Caos,
O oleiro do infinito, que entre as duas
Mãos — o tempo e o espaço — os
amassara,
Cansou por fim também de fazer
mundos,
Não tendo já mais barro, nem mais raios
Com que o barro pintar.
Ora, limpando
As mãos, que estavam sujas do trabalho,
E esfregando uma palma contra a outra,
Soprou depois os restos, sem ver onde,
Por esse abismo além.
Oh pó de mundos!
Migalha dos banquetes do Princípio!
Triste parto das sombras, atirado
Sobre o berço de luz do firmamento!
Morcego horrível, meio tonto e cego,
Caído no salão de lustres de astros!
O pó soprado, informe bola escura,
Como filho enjeitado, que se esconde
Pela sombra dos muros, foi rolando
Pelos cantos do espaço, envolto em
trevas...
Que o não vissem os sóis.
(QUENTAL, p. 87-89, 2019)

Já no soneto “Sarcasmos”, a sua
blasfêmia atinge a mais nua e agressiva
expressão¹, pois o eu lírico revela, com
profundo desengano, o esvaimento de
qualquer esperança no metafísico, na fé, no
Deus judaico-cristão, agora, ao que parece,
um ente fóssil; logo sem serventia ao novo
mundo que surge com seu cariz mundano,
materialista e iconoclasta. Eis o que diz o
eu lírico no soneto a seguir:

¹ Esses sonetos foram extraídos do livro **Raios de
extinta luz.**

Está deserta a estrada do Infinito
E apenas o céu do nada espalho.
A eternidade é fóssil: Deus é velho
E o homem olha o céu de feito em feito.

A cruz de Cristo está feito um palito,
Embrulham-se caminhos no Evangelho;
Cada qual dá a Deus o seu conselho:
Nem já Verbo o verbo... é só um dito!

Nada disto me dá a mim cuidado
Mas morrer Satanás, também de frio...
Mas não houve já mal que se combate...

Não poder já no demo um condenado
Render a alma imortal... por desfastio
É isto o que me dói, o que me mata.
(QUENTAL, 2019, p. 51)

Nota-se, nesse poema, que Antero já
havia realmente varrido do espírito a
educação católica e tradicional que havia
recebido da família. Mas ainda mais radical
é o poema “Gargalhadas”, no qual o eu
lírico exprime plenamente essa atitude
interior de desprendimento de um passado
recente e anuncia a confiança no verbo
redentor da Revolução:

Tudo vai, se rasga e parte
Como em cidade assaltada.
Sob esses tufões gelados
Da tormenta - Gargalhada!

A gargalhada do santo,
Que tem nome - fé e crença;
Que se chama indiferença;
A gargalhada da história
Que se chama Revolução;
E a gargalhada de Deus
Que tem nome... Escuridão.

Ei-las aí vêm, as tormentas,
De todos os horizontes,

Desde a França... e são revoltas;
Da Alemanha... e são ideias;
Desde a América... e são fardos;
E da Rússia... e são cadeias;
De Inglaterra... e são carvões
De fumo enchendo os portos;

Do oriente... e são os sonhos
E da Itália... cristos mortos;

De Espanha... e são traições,
À noite, por trás dos brejos

Mas basta! A luz doirada
Um dia há de surgir!

E a gargalhada imensa
Fechar a horrível boca!

Então!

Alma, que sonhas?
Que louco desvairar!...
Então!!... Mas - hoje – esta hora...
É toda p’ra chorar!
(QUENTAL, 2019, p. 54-59)

Essas crenças foram o alicerce sobre o qual se edificou nos anos seguintes o ideário do “homem novo” das **Odes Modernas**. Aliás, é depois dessa fase de negação e de iconoclastia que surgem as **Odes Modernas**, ou seja, o Antero filósofo e reformador social, apóstolo e anunciador do futuro, servidor da justiça e batalhador pelo Bem, em cuja poesia manifesta fé inexorável no Progresso, na Liberdade e no amor da Humanidade.

Orientado por essas ideias (a religião da ciência e a fé no progresso indefinido do espírito humano), o poeta dos tempos novos surge, despertando almas, anunciando verdades. Não obstante tomar um outro rumo em sua evolução espiritual, ninguém mais do que ele sentiu tanto a grande tristeza de abandonar a igreja católica: “Igreja Mística, Madalena do Mundo”, como outrora dissera. Mas também ninguém mais do que ele assimilou e transfigurou com mais personalidade, elevação e poder irradiante o novo credo.

A propósito, pode-se dizer que três colunas lhe sustentam a concepção de

mundo e da vida: como mente que discorre, a atitude crítica e racionalista; como inteligência que abraça o Universo numa visão geral, a confiança na ciência e o reconhecimento da evolução como lei sem exceção nem limites; e como alma que sente e anela, a certeza do progresso da humanidade e a convicção de que a reforma moral dos indivíduos e a edificação definitiva do exercício das suas liberdades hão de ser a consequência necessária da Revolução, isto é, da transformação da sociedade em função da Justiça Social.

Assim, o que move esse novo Antero é o amor global e indiviso da Humanidade em oposição ao patriotismo mavioso e lânguido dos ultrarromânticos. Enfim, predomina em sua nova fase poética um complexo de filosofemas, ou melhor, de crenças filosóficas, mais ou menos, impregnadas de hegelianismo em oposição à religião tradicional, já que tem fé na capacidade das massas trabalhadoras e fé na realidade do espírito universal em virtude do qual manifesta o pensamento em oposição ao sentimento da individualidade e ao conceito da política que tem como objeto primordial a coordenação de direitos e a salvaguarda das atividades individuais, que nutrem o liberalismo. Em relação à estabilidade das instituições sociais, a concepção da História, colhida em Michelet, como o teatro da luta da liberdade contra a fatalidade e, como final destas mutações profundas, a crença, herdada principalmente da filosofia de Proudhon, de que a Humanidade numa viragem de seu curso se aproxima inelutavelmente de uma nova era de justiça e de mais efetivas liberdades.

Com isso, Antero passa a conceber a vida como missão; missão revolucionária, sem dúvida, mas também missão de reformador social e justiceiro. Luta e reforma serão, pois, os signos do seu destino: primeiramente, luta contra os ideais literários do ultrarromantismo, mais tarde, luta contra o conservantismo político e social e, por fim, luta consigo mesmo, quando afronta, agônico, o desespero metafísico a que o conduziu a reflexão orientada por certas leituras filosóficas.

É importante ressaltar que as **Odes** são um reflexo da juventude de Antero (época da questão Coimbrã). Essa fase revela a sua poesia revolucionária, em cujos versos candentes e eloquentes confraternizam com o poeta e o panfletário. O poeta é poeta na medida em que contribui pela idealização e pelo incitamento para a melhoria do mundo moral e civil, e não na subjetividade com que exprime vivências ou no requinte com que se submete às exigências de um ideal estético; por isso, no seu verbo, a poesia se veste de eloquência, para se tornar mais acessivelmente arma de combate e de predicação.

Aliás, a respeito da missão do poeta, Antero afirmava que “a poesia que quiser corresponder ao sentir mais fundo do seu tempo tem forçosamente de ser uma poesia revolucionária” e, na primeira edição de **Odes Modernas**, o poeta afirma ser importante dar à poesia contemporânea a cor moral, a feição espiritual da sociedade moderna, fazendo-a assim corresponder à alta missão que foi sempre a da poesia de todos os tempos, no *Rigveda* ou n’**Os Lusíadas**, em Tirteu como em Rouget de L’Isle, isto é, a forma mais pura daquelas partes observadas da alma coletiva de uma

época, a crença e a aspiração. E porque, como do seu Deus diz o apóstolo antigo – *in eo vivimus et sumus* –, podemos nós com mais razão ainda afirmar do grande espírito de revolta da nossa idade – nele e por ele é que somos, por ele e nele é que vivemos; há, portanto, nesta obra um enfoque político-social mesclado ao sentimento religioso e à filosofia da época.

Já os **Sonetos** refletem a leitura de Hartmann e Schopenhauer e são frutos da maturidade: momento de total desilusão, descrença e desespero do poeta.

No que concerne a **Odes Modernas**, o que é importante considerar é a divisão do livro em duas partes intituladas livro I e livro II, títulos estes que, à primeira vista, parecem não significar nada, porém se forem analisados poderão indicar pistas essenciais na leitura de Antero de Quental.

A primeira parte (livro I) é constituída de dez poemas, e a segunda parte (livro II), de dezoito poemas.

No livro I, os poemas não chegam a ser de propaganda revolucionária. São teóricos, doutrinários e de caráter filosófico. Inclusive, a mesma condução filosófica que perpassa **Odes Modernas** também perpassará os **Sonetos**. Antero está, nesse momento, produzindo obras “doutriniais” por meio das quais apela constantemente para as noções de Consciência e Justiça, palavras de ordem do seu mestre Proudhon, cujo socialismo apela para o depuramento das consciências. Socialismo este muito diferente do socialismo marxista, que é materialista. Sua poesia revela o pensamento do reformador social, revolucionário e preparador de uma corrente socialista.

Enquanto o socialismo marxista vê na fatalidade histórica o caminho para a

mudança, para a revolução, o socialismo proudhoniano, na pena de Antero, tem, como via para a revolução, a consciência humana. É, pois, um socialismo imanente.

Na verdade, pode-se dizer que tanto nas **Odes** quanto nos **Sonetos** há um único Antero que se caracteriza por sua postura filosófica e por suas convicções filosóficas. Ou seja, tanto nas **Odes** quanto nos **Sonetos**, o que prevalece é o poeta das ideias e do pensamento; é o filósofo e criador Antero.

Daí, como unificar **Odes** e **Sonetos** quanto à sua mensagem de pensamento, ou seja, de posição filosófica?

Os poemas do livro I não pregam revolução nem tentam destruir ou construir uma ordem diferente. Não são, portanto, revolucionários. Por exemplo, “Panteísmo”, “A História” e “A Ideia” definem as **Odes Modernas**. Aliás, os três poemas são doutrinários. Neles, o que há é um pensamento. Não poemas panfletários no sentido literal do termo.

Em **Odes Modernas**, não há sequer uma única imagem representativa da natureza estática, tudo aparece dinamizado. É a filosofia do homem ativo, dinâmico, sempre em ação. Um exemplo disso é o soneto “A Um Poeta”, em que Antero dirige-se a um suposto poeta e o conclama a ir à luta, a participar da Revolução para combater o mundo com o qual seu espírito não se coaduna.

Esse poema é uma louvação do revolucionário. Há nele a convocação para a luta e a declaração do momento do combate:

Tu, que dormes, espírito sereno
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! É tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! São
canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!
(QUENTAL, 1972, p. 52)

Só que esse combate é mítico, mais do que utópico, quando utiliza o sonho por arma. Antero não tem esperança de que seu texto provoque mudança concreta no real:

Ergue-te, pois, soldado do Futuro
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!
(QUENTAL, 1972, p. 52)

Ou seja, o poeta moderno deve forjar “espada de combate dos ‘raios de luz’ do sonho puro” para esculturar-se como revolucionário e poetar a ideia da revolução.

Há ainda em “A um poeta” os recursos expressivos que dão a ele uma força apelativa ainda maior, como, por exemplo, a invocação, as metáforas, o uso das interjeições que intensificam a emocionalidade, exclamações, e, principalmente, reticências, recursos que se corporificam em forma de apelo.

Já no soneto “Tese e Antítese” aparece a oscilação entre crer e não crer na “nova ideia” (revolução): na tese, a descrença na realidade da revolução, repúdio à violência, que não se afirmaria com o pensamento (uma luz do Absoluto, onde estaria a ideia); na síntese, reconhecimento da realidade e necessidade da luta armada, porque, mesmo que exista um Deus, ele é distante e inclemente, enquanto o homem se agita no plano do circunstante e, se o pensamento é luz e não fogo, o pulsar dos

peitos onde encarna a ideia o é. A esse respeito, eis o que afirma o eu lírico:

I

Já não sei o que vale a nova ideia,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,
Como bacante após lúbrica ceia...

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia;
Respira fumo e fogo embriagada:
A deusa de alma vasta e sossegada
Ei-la presa das fúrias de Medeia!

Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obus...

Mas a ideia é n'um mundo inalterável,
N'um cristalino céu, que vive estável...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

II

N'um céu intemerato e cristalino
Pode habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espetáculo divino.

Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante:
Enche o ar da terra o seu pulmão
possante...

Cá da terra blasfema ou ergue um hino...

A ideia encarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chamadas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos sóis!

Combatei pois na terra árida e bruta,
Té que a revolve o remoinhar da luta,
Té que a fecunde o sangue dos heróis!
(QUENTAL, 1972, p. 53-54)

No poema “Panteísmo”, há uma aspiração para a perfeição. Nele, Deus é tudo e tudo é Deus. O semantema grego *Pan* tem a acepção de “universal”. Deus, portanto, é a potência absoluta. Tudo que dele se separar para afirmar que de si mesmo existe deixa de ser, já que não é senão um momento de Deus, ou seja, da

potência absoluta. Só Deus é a realidade verdadeira, uma vez que todas as coisas subsistem Nele. A esse respeito, eis alguns fragmentos de “Panteísmo”, nos quais o poeta nos mostra Deus como potência absoluta:

I

Aspiração... desejo aberto todo
Numa ânsia insofrida e misteriosa...
A isto chamo eu vida: e, deste modo,

Que mais importa a forma? silenciosa
Uma mesma alma aspira à luz e ao espaço
Em homem igualmente e astro e rosa!

A própria fera, cujo incerto passo
Lá vaga nos algares da devesa,
Por certo entrevê Deus – seu olho baço

Foi feito para ver brilho e beleza...
E se ruge, é que a agita surdamente
Tua alma turva, ó grande natureza!

É sempre a eterna vida, que dimana
Do centro universal, do foco intenso,
Que ora brilha sem véus, ora se empana...

Através de mil formas, mil visões,
O universal espírito palpita
Subindo na espiral das criações!

II

Porque o vento, sabe-o, é pregador
Que através dos soidões vai missionando
A eterna Lei do universal Amor.

Ouve-o rugir por essas praias, quando,
Feito tufão, se atira das montanhas,
Como um negro Titã, e vem bradando...

Que imensa voz! que prédicas estranhas!
E como freme com terrível vida
A asa que o livra cm extensões tamanhas!

Ei-lo, o Anciã-dos-dias! ei-lo, o Santo,
Que já na solidão passava orando,
Quando inda o mundo era negrume e
espanto!

Já ele era então livre! e rijamente
Sacudia o Universo, que acordasse...

Já dominava o espaço, onnipotente!

III

Fecundou!... Se eu nas mãos tomo um punhado

Da poeira do chão, da triste areia,
E interrogo os arcanos do seu fado,

O pó cresce em mim... engrossa... alteia...
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho
Um espírito! o pó tornou-se ideia!

Surgir! surgir! – é a ânsia que os impele
A quantos vão na estrada do infinito
Erguendo a pasmosíssima Babel!

Surgir! ser astro e flor! onda e granito!
Luz e sombra! atração e pensamento!
Um mesmo nome em tudo está escrito...

.....
Eis quanto me ensinou a voz do vento
(QUENTAL, 1991, p. 1-4)

Creio que, para que essa ideia de Deus fique clara, seja necessário abordar aqui a ideia e o Espírito Absoluto, conceitos oriundos do hegelianismo, do qual Antero forjou o seu panteísmo.

Na filosofia platônica, a origem quer dizer Ideia e o finito, Ideal. O ponto de partida é Deus, para o qual o homem empreendeu sua caminhada; e, como todos emanam de Deus, sendo Ele o ponto de partida, Ele constitui-se em Espírito Universal, que é a Origem, a Ideia.

Cada ser surge, mas vai manifestar-se na vida de acordo com todos os elementos que têm dentro de si. Por isso mesmo, cada ser traz em germen a manifestação para ser fera ou homem. Surge no Espírito Universal e manifesta-se na vida. Assim, para Antero, tudo tem uma trajetória que é a evolução. A fera produz, o homem produz; mas a árvore surge, e a vida do homem é manifestada primeiramente pelos instintos. A montanha e a árvore não se alimentam, mas ampliam-se, crescem, transformam-se, apenas, como

manifestação; já o mar não se modifica, apresenta seus ciclos, é somente manifestação cósmica.

De todos os seres, somente o homem não pode permanecer como instinto exclusivamente, pois é o único que apresenta consciência e, para que seja total, verdadeiro, não pode manifestar-se unicamente pelos instintos. Tem que ser dotado de consciência (cum + sciencia); a partir desse momento já passa a ter conhecimento e pode estabelecer um ponto de chegada, que se chama Ideal. E se o ponto de partida é o Espírito Universal e o ponto de chegada, o Ideal, podemos equacionar que, o que atinge o fim, é o finito, ou Espírito Absoluto.

Todo ser, partindo de um ser que é origem de todos (Espírito Universal), vai manifestar-se pelos instintos, redundando no processo filosófico chamado Devir, ou seja, transformação, o “vir a ser” (sempre se volta ao ponto de onde se parte).

Mediante a trajetória que o homem percorre durante toda a vida, ele encontra obstáculos que tem de vencer; há necessidade de colocar-se fim a um obstáculo pela oposição, vale dizer, no caso do infinito, depois de vencido, torna-se finito; somente quando se atinge a perfeição é que se alcança o finito.

A essas reflexões de cariz hegeliano acerca do Espírito Universal e do Ideal, liga-se a Arte, que, na perspectiva de Hegel:

está acima da natureza e do espírito finito. O belo artístico não existe na natureza, não é de ordem lógica, não faz parte da esfera do espírito finito nem da do pensamento, puro e simples pensamento que é só pensamento, como também se não inclui entre os fins e os atos do espírito finito: pertence à esfera do espírito absoluto, e existe na arte um conhecimento do espírito

absoluto como de um objeto para o espírito finito. (HEGEL, 1964, p. 204)

Também a Arte participa da esfera absoluta do espírito, enquanto se ocupa da verdade como de um objeto absoluto da consciência, e assim se coloca, pelo seu conteúdo, no mesmo plano da Religião, no mais profundo sentido dessa palavra, e da Filosofia, pelo fato de a Filosofia ter, como objeto, Deus e constituir, por isso, uma teologia, essencialmente, racional e um serviço divino de culto à verdade.

A filosofia de Hegel fundamenta-se na filosofia platônica, na qual o filósofo grego põe o plano das ideias acima de tudo como caminho que conduz à Verdade Absoluta, em que Platão põe o plano das ideias e acima de tudo coloca Deus. O homem, emanando do plano das ideias, cai no *Letes*, ou seja, no esquecimento, isto é, ele esquece-se de onde veio, embora guarde reminiscências de que já gozou as delícias de um lugar bom. A partir desse momento em que é dotado da vontade para atingir o lugar bom, o homem empreende uma luta, a fim de chegar ao Ideal. Entretanto, o homem, na acepção hegeliana, não sobe diretamente a Deus, já que vai percorrer um caminho tortuoso por meio de degraus, sempre a sofrer; porém quem sofre vai se aperfeiçoando com o intuito de alcançar a ascese. É por meio dessa dialética ascensional que o homem visa a buscar o Ideal, o Bem, o Belo, a Justiça.

Esses preceitos hegelianos são encontrados em muitos poemas de **Odes Modernas**, destacando-se “Panteísmo”, mas também nos **Sonetos**, cujo pilar ideológico é o mesmo do das **Odes Modernas**, conforme já se comentou anteriormente.

Assim, como já sabemos que a orientação espiritual das **Odes** e dos

Sonetos é a mesma, poderíamos agora cotejar o poeta da juventude (das **Odes Modernas**) e o da maturidade (dos **Sonetos**), com vistas a deixar claro que as **Odes** prenunciavam os **Sonetos** e que estes já se encontravam dentro das **Odes**.

Por exemplo, no soneto “Redenção I”, dos **Sonetos**, o que se percebe é o mesmo panteísmo das **Odes**. Só que Antero descreve a humanidade numa voz de desespero:

Vozes do mar, das árvores, dos ventos!
Quando às vezes, num sonho doloroso,
Me embala o vosso canto poderoso,
Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Verbo crepuscular e íntimo alento
Das cousas mudas; salmo misterioso;
Não serás tu, queixume vaporoso,
O suspiro do mundo e o seu lamento?

Um espírito habita a imensidade:
Uma ânsia cruel de liberdade
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu compreendo a vossa língua
estranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmãos da minha, almas cativas!
(QUENTAL, 1972, p. 208)

O poeta observa o mundo, tentando ver nele algo de divino, no entanto só percebe lamentação, dor e sofrimento. Como fugir, pois, dessa paisagem dolorosa que ele contempla? Somente a partir do despertar da consciência.

No soneto Redenção II, o poeta lamenta o mundo criado pelos homens, cujas “Formas” sufocam o Espírito, impedindo, dessa maneira, a evolução espiritual deles, rumo à perfeição. Mas, mesmo assim, ele ainda deixa vislumbrar a esperança de que a Consciência dos homens desperte, acorde e os conduza para a via do Espírito, da Ideia, do

Pensamento. Essa meta seria a saída para a redenção deles:

Não choreis, ventos, árvores e mares,
Coro antigo de vozes rumorosas,
Das vozes primitivas, dolorosas
Como um pranto de larvas tumulares.
Almas no limbo ainda da existência
Acordareis, um dia na consciência
E pairando, já puro pensamento,

Vereis as Formas, Filhas da Ilusão,
Cair desfeitas, como um sonho vão...
E acabará por fim vosso tormento.
(QUENTAL, 1972, p. 208-209)

No que concerne ao poema “À história”, o poeta considera que deve ser obra do homem refletir a respeito dela, a fim de que possa sair do estado de imperfeição que o atinge. Para Antero, a história é o momento em que se perde a substância da origem, mas não se encontra a perfeição. A história é o momento de turbilhão, é o momento doloroso, é o lugar das “Formas”, “Filhas da Ilusão”, que obstruem a consciência humana.

Aliás, o soneto “À história” inicia-se com uma conjunção adversativa que o liga ao soneto “Panteísmo”, como se pode ver nos versos a seguir:

I

.....
Mas o Homem, se é certo que o conduz,
Por entre as cerrações do seu destino,
Não sei que mão feita d’amor e luz;
Lá para as bandas d’ um porvir divino...
Se, desde Prometeu até Jesus,
O fazem ir – estranho peregrino,
O homem, tentando a grossa treva,
Vai... mas ignora sempre quem o leva!

II

Oh! a história! A Penélope sombria,
Que leva as noites desmanchando a teia
Que suas mãos urdiram todo o dia!
O alquimista fatal, que toma a ideia,
E, nas combinações da atroz magia,

Só extrai Pó! A fúnebre Medeia
Que das flores de luz do coração
Compõe seu negro filtro – a confusão!
(QUENTAL, 1991, p. 4)

Assim, pode-se dizer que, na concepção anteriana, o homem descende do absoluto (Deus). Desse modo, a História não significa nada. É um sonho vão, é o espaço das ilusões, das desgraças, das cinzas. É a Penélope sombria. É a resultante do que os homens fizeram de uma dádiva divina, transformando a vida numa coisa dolorosa e sem sentido. Esse momento intervalar revela a Humanidade desnordeada e o que se pode ver são Troias destruídas, Babilônias desmanteladas etc. A História humana contrapõe-se à origem divina de todas as coisas, de todos os entes.

O homem é um desesperado diante do mundo, tal como o fez a sua insânia. E esse desespero é proveniente do fundo de sua alma. Daí, a questão do imanente, que significa o ente dentro de si mesmo. Em termos filosóficos, ente é tudo quanto existe. Imanente, portanto, diz do ser observado do ponto de vista interior, ou seja, do imo, da sua profundidade, como a própria consciência do sujeito que está no mundo, que vê o mundo e que participa da marcha dele.

Aqui, pode-se notar a influência de Proudhon, de cujo socialismo imanente Antero era adepto fervoroso. Ao contrário da dialética marxista, que é transcendente, a dialética proudhoniana é imanente.

Em Proudhon, o homem se dirige para a perfeição, e a mudança se dá de acordo com a consciência dele. O homem pode conseguir tudo o que quiser, mas somente a partir do seu foro íntimo, dentro da sua liberdade individual.

Por influência de Proudhon, Antero não acreditava nas instituições sociais da

sociedade tradicional: todas elas deveriam ser duramente combatidas, como deveriam ser, também, combatidos os valores religiosos e políticos que as sustentavam. Daí, a sua poesia se converter, por um lado, em instrumento de combate à Igreja e ao sacerdócio (“Pater”), à Riqueza e à grande burguesia (“Pobres”), às disputas localmente políticas (“Vida”), ao poderio de “Bispos, Reis, Imperadores, Altos, Grandes e Ricos (“Carmen legis”) e, por outro lado, em pregão de inevitabilidade da Revolução como agente da transformação social e do progresso moral (“Carmen legis” e “No templo”) e da fecundidade do poder criador da “Ideia”.

Revolução esta que significa para Antero o que significava para Proudhon, ou seja, a realização da Justiça na humanidade pela substituição da revolução econômica pela revolução meramente política, uma vez que esta noção não se separa da concepção hegeliana de ideia, vista como transitoriedade das fases sucessivas da realização da consciência, que se vai afirmando com mais plenitude e subjetividade.

Portanto, a consciência humana é, por assim dizer, a Imagem do Universo e sua potência unificadora; é o caminho para a transformação do mundo:

A ideia, o sumo do bem, o verbo, a
essência
Só se revela aos homens e às nações
No céu incorruptível da Consciência!
(QUENTAL, 1972, p. 201)

Por isso mesmo, pode-se notar quanto esse socialismo imanentista se difere do socialismo marxista proveniente de Hegel e de caráter transcendentalista, ou seja, nele a consciência humana não é levada em conta: o que provoca a revolução são

determinadas condições históricas que vão sendo criadas por uma determinada classe dominante: daí o fato de a revolução se originar de forças que se acham fora do homem.

Se, nesse Panteísmo imanentista, emerge esse Antero que vê o Homem como a manifestação do absoluto e a visão panteísta da existência como produto de uma essência, germe da razão de ser de tudo o que advém e aspira à vida, **no que tange à História**, o que se percebe é um poeta desolado que percebe o Homem contrariando a sua origem divina e ainda impossibilitado de se deixar guiar pela consciência.

Assim, onde se deve buscar a redenção do Homem? No fim da História. No Panteísmo. Tudo há de encaminhar-se para essa solução final. A salvação do homem só pode se dar através da consciência, do momento em que ele se guiar por ela. Para Antero, o Homem deve ser a imagem do ser supremo e absoluto, que só pode ser alcançado através da consciência, do espírito, da ideia.

Portanto, o Homem deve se afastar da superfície, das “Formas”, “filhas da Ilusão”, e perfazer seu caminho rumo à perfeição, à busca do Bem e da Justiça tão-somente guiado pela consciência. Somente essa trajetória pode salvar o homem, e ela se fundamenta na dialética ascensional, cuja finalidade é buscar a Ideia, a Razão, o Pensamento, o Espírito...

Assim, com essa crença na evolução espiritual da humanidade, Antero se mostra profundamente espiritualista: todos os entes têm uma origem divina. Daí, todos esses entes devem refletir, através da perfeição, do Bem, da Justiça, da Fraternidade, a sua origem divina e se

manifestarem como entes provenientes de um espírito superior.

Por isso o poeta exalta a razão, porque ela é a ordem e a medida de todas as coisas, e na harmonia racional vê, como um racionalista do século das luzes, a essência do Universo infinito e a raiz das ações humanas no “Hino à razão”:

Razão, irmã do amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros e sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece
E a flor do heroísmo medra e viça.
(QUENTAL, 1972, p. 56)

A partir da razão, latente na essência das coisas, o poeta diviniza a Natureza como potência cósmica, vendo nela o desenvolvimento necessário duma força, ou seja, de uma substância que, através das suas várias diversificações, guarda intacta a criatividade imanente. A esse respeito, o poeta afirma o seguinte em “Justicia Mater”:

Nas florestas solenes há o culto
Da eterna, íntima força primitiva :
Na serra, o grito audaz da alma cativa,
Do coração, em seu combate inculto;

No esforço constelado passa o vulto
Do inominado Alguém, que sois aviva;
No amor ouve-se a voz grave e aflitiva
Dum Deus que luta, poderoso e inculto.
(QUENTAL, 1972, p. 52-53)

Daí ser o poeta a encarnação dessa força, tendo, pois, de cumprir a missão profética de revelar o Futuro e de converter o seu Verbo na “espada de combate” no belo soneto “A um poeta”:

Escuta! é a grande voz das multidões!

São teus irmãos, que se erguem! São canções...

Mas de guerra... e são vozes de rebate...

Ergue-te, pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!
(QUENTAL, 1972, p.52)

E, por fim, nos dois versos do terceiro soneto da série “A Ideia” estão sintetizadas todas as atitudes da vida espiritual de Antero, durante esse período de uma total fé na Ideia, na Razão, no Pensamento, no Espírito, como via de evolução espiritual:

Força é, pois, ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe - e um alto monte
Aonde se abra à luz o nosso ninho.
(QUENTAL, 1972, p. 108)

“Lançar o arco de outra nova ponte”: era o alvo da sua vida, o móbil do seu pensamento e de sua ação. Por que, então, de repente, cessa o poeta do Pantéismo, da pregação revolucionária, da pregação do Bem, da Justiça, da Liberdade, da Verdade, da Razão, da Fraternidade, da Alma Infinita, da Ideia, da Igualdade (esses sintagmas, iniciados por maiúsculas, na concepção anterior, referem-se aos valores da alma humana e representam a própria verdade determinada pela grandeza interior do homem) e surge o poeta do desalento, do desespero e do mais inexorável e extremo pessimismo?

Para o poeta, que passa a descrever da Ideia, a atuação do homem fez o mundo sem graça e sem sentido. O que outrora fora reflexo da alegria: o mar, o vento, as árvores, a selva, a montanha, enfim todos os entes, tornou-se reflexo de tristeza e desespero. O tormento que atinge os entes

e presente nas “vozes do mar, das árvores, dos ventos” é o mesmo que açoita a consciência do poeta. Ou seja, da mesma forma que o mundo sofre, sofre a consciência dele.

A partir de 1874, a situação espiritual de Antero começa a ser outra. O poeta envereda pelo caminho do pessimismo, mas o pilar ideológico dos **Sonetos** é o mesmo das **Odes Modernas** e mantém-se como constante do pensar anterior. Ideologicamente, o poeta permanece com a convicção de que a Realidade é objetivação do Espírito; e, inevitavelmente, permanece no equilíbrio entre o pensar e o querer. O espírito das **Odes** permanece nos **Sonetos**, mesmo com a inserção dos elementos não racionais da desvalorização pessimista.

Acometido por grave doença, cujas primeiras manifestações são agudas e persistentes, o poeta vive, assim, a experiência da morte que, anos mais tarde, será corroborada na Filosofia da morte. Filosofia esta que resultou apenas em algumas reflexões e em dois sonetos: “Inania Regna” e “Elogio da morte”.

No poema “Elogio da morte”, Antero transpõe a morte do plano vivencial para o plano metafísico. Segundo o poeta, a morte é necessária e faz parte do processo de evolução dos seres; estes são limitados, relativos e imperfeitos. São seres reais, visto que a realidade exclui o absoluto e a perfeição. Absoluto e perfeição existem apenas como Ideal. E a meta do homem é realizar esse ideal nos limites possíveis, mas limitada é essa realização. Daí a morte é metafisicamente necessária, porque é o único meio pelo qual os seres podem reencontrar com a totalidade da vida; a morte é a integração do ser individual, e, portanto, limitado no ser total. O indivíduo

não é ser-em-si nem para-si; o seu destino cumpre-se no ser total pela cessação do que constitui precisamente a nota singular da individualidade.

Sendo a morte a objetivação da consciência da finitude, deve ser também a base da vida moral. O homem, ciente de sua finitude e limitação, não deve viver para si mesmo, mas para algo de eterno.

Os fragmentos do longo, filosófico e merencório poema “Elogio da morte”, a seguir, mostram essa necessidade metafísica da morte:

Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silêncio mortuário,
Noite sem fim, espaço solitário,
Noite da Morte, tenebrosa e agusta...

Eu não: minha alma humilde, mas robusta,
Entra crente em teu átrio funerário:
Para os mais és um vácuo cinerário,
A mim sorri-me a tua face adusta.

Talvez seja pecado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser único absoluto.
(QUENTAL, 1972, p. 151)

A grave questão do bem morrer à luz da filosofia da Revolução, ou mais propriamente do ideário de Proudhon, não comportava os problemas que a religião e a filosofia da transcendência suscitam nem tampouco o dramatismo da solidão da consciência, da angústia da vivência do limite e da inquietude do porvir.

Inicialmente essa experiência da morte que Antero viveu nos princípios de 1874 não o conduziu ao desespero moral nem ao pessimismo na concepção da vida. Ao

contrário, o poeta viu no acontecer da morte uma relação que unifica, intrinsecamente, o seu acontecimento com a totalidade da Vida, sendo esta integração na imanência do ser que lhe confere a característica própria. Metafisicamente, o ser individual e o ser total coincidem, mas esta coincidência vai dissociá-lo por virtude das novas inquietações, outras leituras (Hartmann e Schopenhauer) e novas reflexões.

Dois anos depois, a situação espiritual de Antero começa a ser outra: no horizonte metafísico surgem-lhe a transcendência como categoria explicativa da realidade e o pessimismo como estimativa da existência que se vive.

Durante essa fase, a poesia anterioriana expressa tão somente o desespero, a dúvida, o desengano, a descrença. O que há é a luta interior do poeta cindido em dois seres: o homem que tinha sido e se esforçava por continuar a ser, e o homem que era atualmente. Ambos coabitando na sua consciência, mas não se reconhecendo mutuamente, e, às vezes, até se opondo em amargo diálogo, como se pode observar no soneto “Enquanto outros combatem”:

Empunhasse eu a espada dos valentes
Impelisse-me a ação, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o
Fado
Dão a lei aos reis trêmulos e às gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
A ver de fogo do circo ensanguentado...
Um caíra radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gládios reluzentes!

Já não seria dissipar-se a aurora
De meus inúteis anos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e ansiedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
Desta pálida e estéril mocidade!

(QUENTAL, 1972, p. 112-113)

Pode-se perceber, no soneto “Transcendentalismo”, o diálogo desses dois homens, dos seus conflitos de toda a hora e das suas tentativas de conciliação. Mas é impossível. O poeta participante e partidário das **Odes Modernas**, que pusera a poesia ou, mais propriamente, a Arte, ao serviço da Revolução, cede lugar ao poeta que impregna de subjetividade, e até de intimidade, o discorrer filosófico sobre o valor da vida:

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.
Caí na conta, enfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e à sorte se
disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrário do templo da ilusão,
Só encontrei, com dor e confusão
Trevas e pó, uma matéria bruta...

Não é no vasto mundo - por imenso
Que ele pareça à nossa mocidade -
Que a alma sacia o seu desejo imenso...

Na esfera do invisível, do inatingível,
Sobre desertos, vácuo, soledade
Voa e paira o espírito impossível!
(QUENTAL, 1972, p.116)

Em vez da confiança prospectiva do “homem novo”, no soneto “A Germano Meireles”, é a dúvida e o desespero, a tristeza e a descrença, que agora lhe incitam e nutrem a inspiração:

Só males são reais, só dor existe:
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e
dia.

Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos num bem, que a mente cria

Que outro remédio há aí senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fora tão ditoso que olvidasse...
Mas sem seu mal com ele então
dormira,
Que sempre o mal pior é ter nascido!
(QUENTAL, 1972, p. 114)

O soneto “Espectros” atesta a inutilidade da busca da Verdade e Justiça; dele vertem apenas desengano, descrença e o sentimento de desvalia da vida:

Espectros que velais, enquanto a custo
Adormeço um momento, e que
inclinados
Sobre os meus sonos curtos e cansados
Me encheis as noites de agonia e susto!...

De que me vale a mim ser puro e justo
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia à mão dos Fados
Uma parcela do saber augusto.

Se minh'alma há de ver, sobre si fitas,
Sempre esses olhos trópicos, malditos!
Se até dormindo, com angústia imensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma a verteu sobre o meu peito
As lágrimas geladas da descrença!
(QUENTAL, 1972, p. 93)

Mas Antero não se lançou no pessimismo de cabeça. Diferentemente disso, esforçou-se por superá-lo. A esse respeito, o soneto “Mais Luz” revela a alegria do poeta:

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde remorosa e repousada

Viva e trabalhe em plena luz; depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heróis!

(QUENTAL, 1972, p. 55)

em contraste com todo o acontecer que lhe aparecia, agora, como produto da ação maquiavélica de uma Natureza intrinsecamente má. A nova maneira de ver, horrível na memória de quem havia concebido a Vida instrumentalmente e com imperativos fortemente morais, insinuou-lhe a ideia da irracionalidade do Universo, sob a forma do “humanismo transcendente”, na feliz expressão de Oliveira Martins (1972), no prefácio do crítico literário aos **Sonetos**. Eis, pois, o que afirma Antero de Quental no soneto “O convertido”

Erma cheia de tédio e de quebranto,
Rompendo os diques ao represado pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,
E achei a paz na inércia e
esquecimento...
Só me falta saber se Deus existe!
(QUENTAL, 2014, p. 134)

No soneto “Divina Comédia”, com um tom de ironia, o poeta proclama a total desvalia da existência e o fluir do tempo como a geração ininterrupta de: “Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis/Num turbilhão cruel e delirante.” (QUENTAL, 1972, p. 176)

O sol não mais ilumina os versos candentes, as apóstrofes e visões proféticas do poeta da pregação da Justiça, do Bem, da Ideia, da Revolução, porque a luz é o símbolo da universal traição. No soneto “Nox”, a claridade ofende-o e é na escuridão e com espírito de total renúncia que tateia a imagem fria e viscosa da vida; o poeta parece manifestar o desejo, com estranha serenidade, de que a própria noite se esquecesse no sono:

Noite, vão para ti meus pensamentos

Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto estéril lutar, tanta agonia;
E inúteis tantos ásperos tormentos...

Tu, ao menos abafas os lamentos,
Que se exalam da trágica enxovia...
O eterno mal, que ruga e desvairia,
Em ti descansa e esquece, alguns
momentos...

Ah! antes tu também adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalterável,
Caindo sobre o Mundo, te esquecesses,

E ele, o Mundo, sem mais lutar nem ver,
Dormisse no teu seio inviolável,
Noite sem termo, noite do Não-Ser!
(QUENTAL, 1972, p. 87)

A noite do Não Ser, no soneto supracitado, manifesta claramente o desejo da morte por parte do poeta. O não ser, nele, representa a única via para a aniquilação do eu e a única forma de libertação do mundo.

Daí a solução para o sofrimento, ou melhor, a solução do ser está no não ser: no não participar da vida, ou seja, a solução é a morte.

Mas, a sua alma, sempre insatisfeita, debate em novas aventuras metafisicamente libertadoras, ora vendo no sonho a evasão suprema, como no soneto “À Virgem Santíssima”:

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira...
(QUENTAL, 2014, p. 136)

ora encontrando na morte, através do aniquilamento do Universo, a conquista definitiva, a paz eterna, como no soneto “Em viagem”:

Quem sois vós, peregrinos singulares?
Dor, tédio, Desenganos e Pesares...
Atrás deles a Morte espreita ainda...

Conheço-te. Meus guias derradeiros
Sereis vós. Silenciosos companheiros,
Benvindos, pois, e tu, Morte, benvinda!
(QUENTAL, 1972, p. 146)

Antero viveu pela emoção e pela razão essa concepção desvaliosa e aniquilante da vida, mas não se pode considerar essa postura como sendo autobiográfica. Encontra-se em seus versos apenas alguma confiança aqui e ali. O que Antero mostra nos **Sonetos** é uma concepção filosófica da desvalia da existência humana. Antero possuía a consciência de que o rodeavam a insignificância e a nulidade, mas na sua consciência e na sua mente de individualidade pensante o pessimismo não foi o protesto de um desolado, incompreendido e vingativo, mas a expressão da dor impessoal e objetiva que aflige a consciência humana e se dá, ou parece se dar, como coessencial à própria existência.

Os **Sonetos**, portanto, como as **Odes Modernas**, são uma doutrina, ou mais propriamente, uma filosofia que aspira à coerência e à consistência.

Para um poeta que já possuía, na época das **Odes**, a consciência da dor não seria difícil nem longe a passagem para uma concepção da desvalia da existência. E isso ocorreu sem afetar o pilar ideológico vigente tanto nas **Odes** quanto nos **Sonetos**: a orientação espiritual do poeta permanece a mesma: há, sim, um trânsito da concepção prospectiva e confiante das **Odes** e dos **Sonetos** dos primeiros ciclos para a visão pessimista da vida.

Inclusive, na fase do mais agudo pessimismo, quando tudo se transforma em desolação e tristeza, e a doença se lhe instala como insistente presença, a doutrina budista lhe surge e, suave e progressivamente, começa a destronar no

seu espírito o império das concepções de Michelet e Proudhon.

Esse é o momento em que o poeta deseja o nirvana budista; ou seja, o estado de indiferença, de ataraxia, de nada dizer, de nada pensar. É o momento em que o poeta passa a ter um horror instintivo, e como que inato, a todas as ideias que representam a atividade da vida, como plenitude, felicidade, lida, rumor; é o momento em que o poeta está atacado da náusea da realidade. No soneto “Nirvana”, o poeta confessa:

À bela luz da vida, ampla, infinita,
Só vê com tédio, em tudo quanto fita,
A ilusão e o vazio universais.
(QUENTAL, 1972, p.90)

“Despondency” é o primeiro entre os **Sonetos** que manifesta o desejo da morte, tamanha é a tristeza diante do sentimento de perda da “fé, paz e confiança”:

Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda... à morte silenciosa...

Deixá-la ir, a nota desprendida
Dum canto extremo... e a última
esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!
(QUENTAL, 1972, p. 80)

Seguem, como que para corrigi-lo, “Das Unnennbare”, e “Voz do Outono”, dando a verdadeira origem do Mal: algo anterior ainda à perda das ilusões: a sensação de falta, cuja manifestação maior é, enfim, o Desejo: vontade nunca saciada, de algo que também nunca se define; talvez a própria síntese da insatisfação com a existência temporal. Tanto que a “Voz do Outono” diz ao “Consolidado coração”:

Mais valera à tua alma visionária,

Silenciosa e triste, ter passado
Por entre o mundo hostil e a turba vária,

(Sem ver uma só flor das mil que
amaste)
Com ódio e raiva e dor... que ter
sonhado
Os sonhos ideais que tu sonhaste!
(QUENTAL, 1972, p. 94)

Quer dizer, duplamente enganado pela aspiração por outra existência e por outra organização social, passa a lamentar ter desejado. Eduardo Lourenço (1983, p. 143), reconhecido crítico literário português, ao analisar os **Sonetos**, afirma o seguinte acerca do cariz profundamente desesperado e pessimista da reflexão de Antero de Quental:

C'est seulement une apparence que les Sonnets se présentent comme un chant alterné entre la Vie et la Mort, le soleil du bien et le sommeil de la Nuit. Leur vraie sonorité, le chant des profondeurs, celui qui imprègne les Sonnets de sa tristesse inoubliable, est celui de la mort des espérances, de l'arrivée triomphe de la Mort, qui n'a plus les accents pétrarquiens d'une chose rachetée par Dieu, mais ceux plus modernes du Gouffre, du Néant, du “Non-être”, seul être absolu.²

O soneto “Mors Liberatrix” corrobora o que diz Eduardo Lourenço, porque o poeta, imerso no mais profundo pessimismo, só vê agora o Não Ser

² É somente como aparência que os **Sonetos** se apresentam como um canto alternado entre a Vida e a Morte, o Sol do bem e o sono da Noite. Sua verdadeira sonoridade – o canto das profundezas –, o que impregna os **Sonetos** de sua inesquecível tristeza, é o da morte das esperanças, da chegada triunfal da Morte, que não tem mais os acentos petrarquianos de uma coisa reencontrada por meio de Deus, mas os mais modernos do Gouffre, do Nada, do “Não ser”, único ser absoluto.

Absoluto, ou seja, a Morte como solução para a sua angustiante existência; a resolução do problema do Ser é o Não Ser. Assim, ao final da *via-crucis* existencial, o que prevalece para o poeta é o “Néant”, o “Non-être”, “seul être absolu”:

Na tua mão, sombrio cavaleiro
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão como um
luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projectas...
Só o gládio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

- “Se esta espada que empunho, é
coruscante
(Responde o negro cavaleiro andante),
É porque esta é a espada da Verdade:

Firo mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consolo... subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a liberdade...
(QUENTAL, 1972, p. 146)

Por fim, pode-se dizer que o que impressiona n’as **Odes** e nos **Sonetos** não é somente a pura expressão artística, mas o sentimento de que Antero de Quental empenhou metafisicamente a sua própria existência e com ela a vivência de uma intuição universal do Ser. Por isso mesmo, a ironia foi, ao que parece, a nascente na evolução espiritual de Antero. Mas, primeiramente, é necessário precisar esse conceito, entendendo a ironia não socraticamente nem à maneira de Renan, mas a partir da perspectiva de F. Schlegel (Apud NANCY e LACOU LABHART, 1978), que a concebia como um desenrolar de “auto-criações e auto-destruições sucessivas”: a evolução espiritual de Antero se pautou nessa trajetória sempre marcada pela demanda do espírito metafísico, que o conduziu por uma *via-crucis* de etapas, de evoluções espirituais, de construção e desconstrução de filosofias, de “autocriações e autodestruições sucessivas” que se encerram na última etapa, a saber, o suicídio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COIMBRA, Leonardo. **O Pensamento Filosófico de Antero de Quental**. Porto: J. Pereira da Silva, 1921.
- CARVALHO, Joaquim de. **Evolução Espiritual de Antero e Outros Escritos**: Ensaio breve de Interpretação. Lisboa, 1929. Separata da “Seara Nova”.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Estética: a ideia e o ideal. In: **Estética**: poesia. Trad. Orlando VITORINO, Lisboa: Guimarães, 1964. Vol. VII
- MARTINS, J.P. Oliveira (Org.). **Os sonetos completos de Antero de Quental**. Adaptação da edição de 1886, Livraria Portuense, edição *ebook*: fevereiro de 2014, Portugal: Rio de Mouro: Edição Agrupamentos de Escolas do Rio de Mouro, 2014. In: [file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Osmar%20de%20Melo/Desktop/Os%20Sonetos%20Completos%20\(Portugues%20-%20Antero%20de%20Quental.pdf](file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Osmar%20de%20Melo/Desktop/Os%20Sonetos%20Completos%20(Portugues%20-%20Antero%20de%20Quental.pdf). Acesso: 25 de novembro de 2021.
- LOURENÇO, Eduardo. **Poesia e Metafísica**. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. **L’ absolu littéraire**: théorie de la littérature du romantisme allemand. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- QUENTAL, A. T. de. **Poesia e Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- QUENTAL, Antero de. **Antologia**. Organização de José Lino Grunelwald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. (Poesia de todos os tempos).
- QUENTAL, A. T. de. **Odes Modernas**. Lisboa: Couto Martins, 1964.
- QUENTAL, A. T. de. **Sonetos**. 4. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972.
- QUENTAL. A. T. de. Carta autobiográfica. In: **Poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- QUENTAL. A.T. **Raios de extinta luz**. 1 ed., São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2019. In: <http://ibamendes.org/Raios%20de%20extinta%20luz%20-%20Antero%20de%20Quental%20-%20IBA%20MENDES.pdf>. Publicado originalmente em 1892, poesia, literatura portuguesa, Livro digital nº 984. Acesso: 23 de novembro de 2021.
- SILVA, Luciano Craveiro da. **Antero de Quental**: evolução do seu Pensamento Filosófico. Braga: Livraria Cruz, 1959.

¹ Pós-doutor em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestre e doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de

Minas Gerais – PUC Minas. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas e Letras: Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas e Língua Francesas e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Pesquisador do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – LABELLE, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É autor de diversos artigos, livro e capítulos de livros sobre autores da Literatura Brasileira, dentre os quais se destaca Lima Barreto. E-mail: joseosmardemelo@yahoo.com.br